



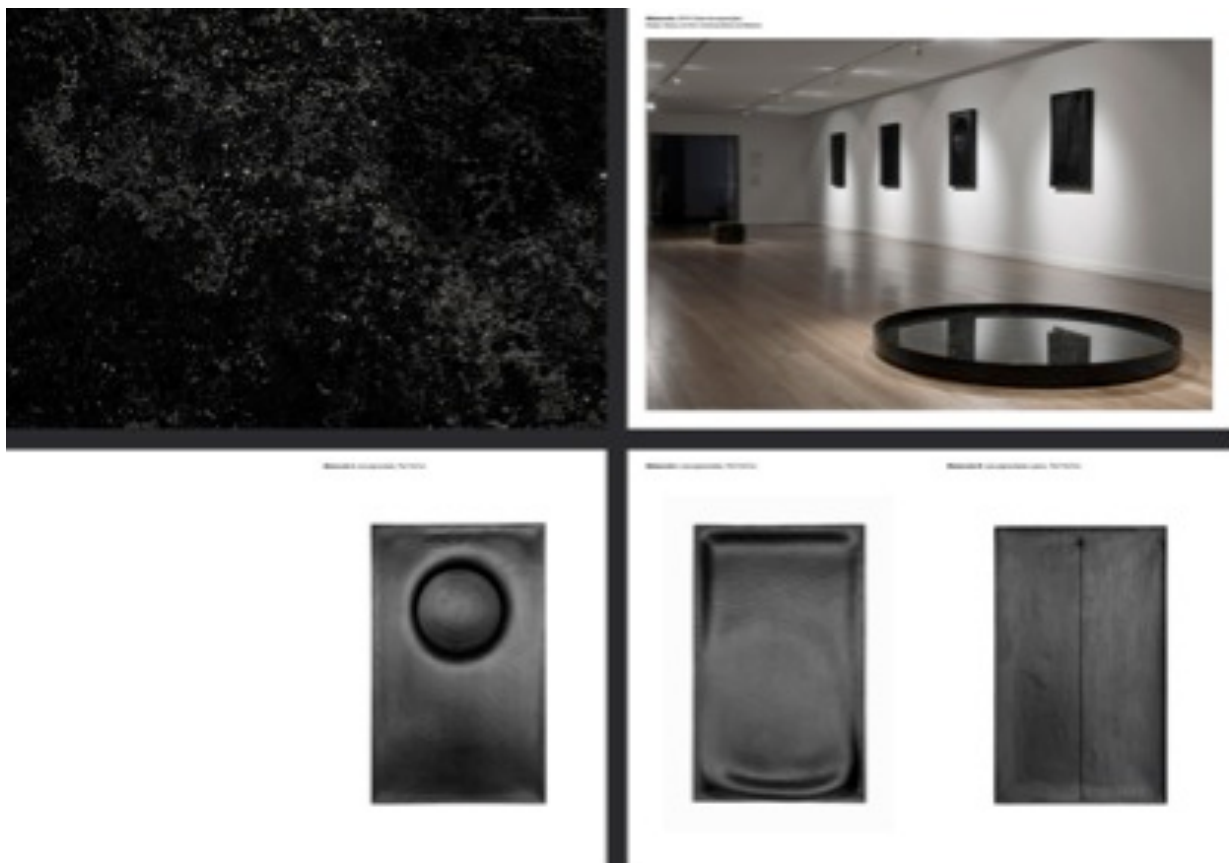
um Artista
RevelAcção

(...) O desafio lançado levou-me a tentar estruturar uma pequena introdução ao meu contexto mais privado (...) [que] julgo ser importante, pois determina algumas formas de estar e olhar o mundo.

A minha prática nos últimos anos está intimamente ligada à geografia humana, principalmente ao território e ao seu ordenamento, tanto jurídico quanto afetivo. (...)

Desta hauntologia pessoal, opera-se um entrelaçar constante destas obrigações impostas pela vida e a vontade de avançar com o que dá alento - a nossa prática e a possibilidade de libertação da nossa condição. Algumas das peças surgem então como projecções, desejos ou formulações de promessas, algumas procuram ser justas apenas, outras ainda pura catarse, mas nunca, são reflexos literais desta minha condição.

A minha prática artística gravita, então, em torno da geografia humana, sobretudo em contextos sociais e culturais delineados por noções de conflito. Combinando diferentes meios expressivos como o desenho, a escultura, a instalação e a fotografia, exploro os espaços limite em áreas de confluência, incorporando elementos da geografia, sociologia e etnografia; entre outros.



A exposição "**Melancolia**", resultante de uma residência na Casa das Mudas (2018), é talvez o primeiro momento em que abordo esta condição que lhe falei, ainda que de forma velada. Por intermédio de materiais e processos ritualísticos interpessoais que se aglomeram em massas indecifráveis e coletivas, questiono a matéria da tristeza, do desejo, da promessa ou da angústia como condição histórica e como acto de transferência. Recorre a esse *pathosformel* que tão bem Dürer soube tratar e no qual muitas vezes nos vemos retratados: nessa figura com asas, mais impotente para voar.

Por se dividir entre três espaços (Casa das Mudas, Galeria dos Prazeres e sítio do ponto - um posto de vigia da paisagem na paul da serra), retrata o território insular e as almas que o habitam. Diz-se que a melancolia nas ilhas é de uma outra ordem e mais abundante. Por vezes dou comigo a pensar que essa melancolia é fruto de um dor que está cravada no solo por um sistema de colónia que tirou sempre mais a quem tentou sobreviver em exíguos quinhões de terra. "Melancolia" desenvolve-se desde o fundo do mar (como inconsciência), até à abóbada celeste, num devir outro.

Márcia de Sousa, descreve assim Melancolia no texto de folha de sala:

Melancolia do grego μελαγχολία – melagcholíá, tristeza vaga, profunda e permanente, sem motivo aparente, cuja origem se reporta a causas físicas ou de ordem sociológica (moral ou ética). Classificada como patologia no século V por Hipócrates que a associa a quatro humores (sangue, pituíta, bílis amarela e bílis negra). Do seu equilíbrio resulta a eucrasia (saúde), no extremo oposto a discrasia que, na perspectiva de Hipócrates, é guiada por Saturno influenciando os estados de humor e, por conseguinte, conduzindo o indivíduo à Melancolia. Na Renascença e no Romantismo, assume uma forma poética ganhando um estatuto de doença do espírito, ferramenta de enriquecimento e transmutação no processo ascético. Para Freud, este estado de alma assemelhar-se-á a um processo de luto sem que para o efeito exista, necessariamente, uma perda física.

É este o mote que Hélder Folgado escolheu depor âncora na construção do trilho que propõe, percorramos no decurso deste projeto. Por intermédio da exploração das potencialidades plásticas e formais da cera, trabalhada ou fruto de apropriações aleatórias em reaproveitamentos provenientes de rituais que, extraídos do seu contexto de ação natural, são aqui confrontados com outras espacialidades, condensando vida, memórias, interrogações, desejos, formulações, lutos e lutas que Folgado configura em objetos de solução rigorosa, despojada e monocromática, decompondo intersemioticamente e quebrando eventuais automatismos de percepção, aproximando o substrato da sua leitura ao de uma biopolítica da existência.

Evoca mimética e reflexivamente a memória coletiva, num exercício que espelha e questiona a identidade do lugar e da ação humana, num diálogo entre um Eu e um Outro que se polariza num ponto que é também um sítio geográfico e o corolário desta peregrinação. Um recorrido de visita ritualizada entre a Galeria do MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, a Galeria dos Prazeres e o Sítio do Ponto, localizado na zona montanhosa do Concelho da Calheta.



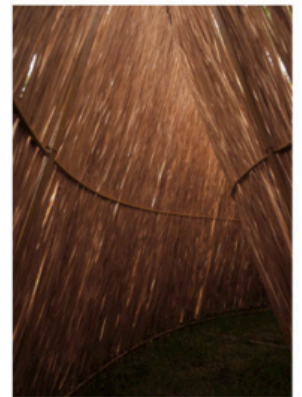
Observatório, 2019. Vista lateral e forma. 850cm Ø
Garcia Magalhães, Funchal (São Vicente)



Observatório, 2019. Vista lateral e forma. 850cm Ø



Observatório, 2019. (parte interior)



"Observatório" (2019) continua a demarcar noções de territórios e dimensões de confluência cultural onde se operam transferências e continuidades, de heranças: estabelece uma forte relação entre a periferia, inocente mas atenta da infância, para uma outra central (a eira), própria da revolução do mundo e, por isso, conseqüente. São duas dimensões aparentemente distantes, mas que moldam a possibilidade de continuidade, da transferência de usos e costumes, da construção de uma certa criação de identidade, seja ela de âmbito familiar, seja cultural e comunitário. Por outro lado, é uma homenagem ao meu avô e a memória feliz da infância que o António tão bem soube tratar.

Desde tenra idade, acompanhei o meu avô no regar, colher, separar, amarrar, transportar, cozer, bater, descascar e colocar os vimes a secar.

A última etapa deste longo processo era para mim a mais aguardada, pois, milhares de hastes, amarradas em pequenas "gavelas", dispostas em estruturas de configuração piramidal, transformar-se-iam em esconderijos provisórios e prestar-se-iam às mais diversas brincadeiras e descobertas. Uma vez lá dentro, estes abrigos, pautados por intervalos decorrentes de uma cuidada colocação, deixavam transparecer, de forma rítmica e fragmentada a paisagem, e ao mesmo tempo, no seu interior, originavam-se mágicos jogos de luz e de sombra; e o cheiro... Deste imaginário, de uma comunidade e de uma cultura surge "observatório", projeto de instalação que pretende resgatar estas e outras memórias através da criação de um círculo que simula as estruturas de secagem de vime e onde as crianças, mas também os adultos, são convidados a percorrer o espaço interior da forma e embarcar também eles numa viagem.

Este círculo, se por um lado dá-se a partir da ideia de ciclo ou de intervalo temporal, inscreve-se, também, através do seu perímetro mais próximo do centro, numa franca relação com a eira, antigo local de trabalho e de reunião comunitária. Não menos interessante é pensar a relação que esta intervenção estabelece com o coreto, construção emblemática que faz já parte do imaginário daqueles que frequentavam os espaços de lazer desta ilustre quinta. E quem de nós nunca brincou por debaixo de um coreto em dias de festa?

Se o conceito de comunidade torna-se central nesta intervenção e ganha ênfase pela conjugação de factores relativos à actividade agrícola e artesanal, é sobretudo na necessidade de contribuir de forma activa, para uma renovada relação com este legado histórico que esta intervenção ganha importância. Para além disto tudo é uma homenagem ao meu avô, homem que dedicou a vida a esta actividade e que, com sabedoria e perseverança, contribuiu para a criação de um legado ímpar na nossa história, na minha história.

Hélder Folgado, 2019

Imagem: Hélder Folgado, 2019. Galeria de Arte Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.



Já "**Pendulum**" (2019), surge no âmbito do *Ilhéstico* e trata da dimensão da crença, aquela que nos estrutura e que suporta as nossas ações, mas que é frágil ou maleável, que está em constante reposicionamento no plano. É sobretudo um manifesto perante um mundo onde as demarcações de posições "fortes" (sejam elas no plano religioso, étnico ou cultural) estão cada vez mais polarizadas. É urgente, mais do que nunca, essa flexibilização de posições para ser e estar no mundo.

Miguel Von Hafe Perez coloca nos seguintes termos:

A Capela da Nossa Senhora da Oliveira (ou Capela da Boa Viagem), datada de 1655, é um pequeno monumento inserido na zona velha do Funchal. Para o seu interior Hélder Folgado concebeu uma peça de cariz minimal: uma faixa vertical de papel químico suspensa a partir do teto rasa, no plano inferior, um quadrado moldado em cera de abelha. O cinzento da tira alongada e a cor de mel do quadrado compõem um vibrante contraste naquilo que poderia ser o desenho de uma composição de um pintor minimalista. O olhar é dirigido quase como uma inevitabilidade compulsiva para esse pequeno espaço que define o encontro destas duas formas

e destes dois materiais, para se perceber que esse encontro não se dá verdadeiramente por uma margem milimétrica.

Para adensar conceptual e perceptivamente a proposta, o autor joga com a presença de um terceiro elemento: o ar que qualquer tipo de movimentação no interior do espaço exíguo da capela torna palpável, pois transforma a tira de papel químico num Pêndulo (título da obra) subserviente das coreografias aleatoriamente orquestradas por visitantes e correntes de ar imprevisíveis. No limite entre a pintura e a escultura (remetendo para ambas as disciplinas por anamnese visual), esta instalação dialoga com excepcional limpidez com as características do espaço. Tão intrigante quanto o monólito de 2001 – Odisseia no Espaço, o filme de Stanley Kubrick, esta obra parece uma epiderme insinuante que se apropria de um lugar para nele atrair todos os desígnios de uma liturgia por inventar.



Em "**Elementos**", resultado da residência em Luxemburgo (2019), interessei-me, sobretudo, em explorar as noções de deslocação e (des-)continuidade territorial. Mas, também, reflectir sobre a casa enquanto espaço mais vasto e tendo como pano de fundo os princípios de uma fortaleza, de um espaço que conserva mas também separa do mundo.

Este pequeno país no coração da Europa foi determinante para a criação das bases da União Europeia tal como a conhecemos hoje. Por se situar numa zona estratégica das rotas comerciais, possui uma longa e importante história da arquitetura militar. A sua condição, à época, equiparava-se ao estreito de Gibraltar, dada à dificuldade de invasão externa: são três os anéis concêntricos com uma série de fortes e castelos que protegem o núcleo da cidade. Uma série de túneis subterrâneos interligava-os. Neste período de residência, dois acontecimentos tiveram também um forte impacto e mereceram especial atenção: a crise migratória por conflitos armados ou na possibilidade de uma vida melhor noutra lugar; e as celebrações dos 30 anos da queda do Muro de Berlim. Interessava também pensar as noções de construção e desconstrução de limites, de fronteira, de identidades, de formas visíveis e invisíveis de dominação territorial.

Ao nível plástico a manipulação de papel químico, utilizado por uma das primeiras máquinas de encriptação de mensagens instantâneas, ponto a ponto - o sistema Telex, foi o material de eleição, pois convocava toda uma série de dimensões simbólicas inerentes ao ato de registar a palavra, de atestar compromissos, tratados, de criar leis (não nos esqueçamos que é no Luxemburgo que se situa o Tribunal de Justiça da União Europeia). Este material, já em desuso pelo sistema económico, foi manipulado através de uma série de dobras para obter configurações espaciais que prolongavam a linguagem estrutural da arquitetura do espaço (anexos do Castelo de Bourglinster), mas sempre condicionadas pelo princípio de fluxo, movimento. De outra forma, estes desenhos no espaço faziam-se correspondência a outros tantos contextos do território: ao movimento das máquinas agrícolas, às muralhas de um qualquer castelo ou a simples elementos arquitectónicos que servem para manter as paredes das casas estáveis (são elementos em ferro que trespassam todo o edifício e que demarcam várias linhas e configurações na fachada; em Luxemburgo existem imensos). Já a utilização de cera de abelha - recolhida num produtor local, também arquiteto - sobrepujou esta dimensão e originou correspondências ao fluxo/comunicação, livre de animais, que também somos. Olhava para a natureza e para o desequilíbrio da utilização do território, sobretudo de uma utilização industrial, abusiva e danosa, que faz da vida e do ambiente "natural" refém e circunscrito a determinadas áreas: aquelas que não têm interesse ou demonstram ser demasiado onerosas para a sua exploração. Falamos, por exemplo, de depressões (vales) e elevações do solo (montes), ou a presença de faixas na paisagem como marcos de limite de propriedades.

Já no nível cultural, convocou-se dois movimentos aparentemente contrários: a demolição física de uma boa parte deste sistema militar e defensivo, ainda no século XIX, e a construção de barreiras linguísticas em 1984, em plena formação da União Europeia, através da demarcação do dialeto luxemburguês como língua oficial; e que serve como ferramenta seletiva que limita o acesso de estrangeiros a certas posições na administração pública assim como no sector privado.

As lajes de ardósia, a terceira matéria nesta instalação, foram recolhidas neste período, aquando da substituição do telhado do Castelo de Bourglinster. Para além da relação mais direta com um elemento fundamental para o desenvolvimento da noção de casa ou abrigo e que atrás referi, ela, a ardósia, a par dos outros dois materiais utilizados, possui a mesma natureza na cultura humana: são suportes para a inscrição do signo, da lei, da palavra.

No final, todo este material, que dominava visualmente o espaço, era recolhido em contentores relativamente familiares como o livro (no caso das encausticas), num rolo de papiro (o papel químico) sendo que a ardósia é colocada dentro de uma caixa de madeira. No seu conjunto têm a condição nómada e de fácil transporte.

Excerto de uma Entrevista a um jornal luxemburguês:

Num dos ateliers das antigas cavalariaças do Castelo de Bourglinster há o cheiro a cera de abelha e uma exposição em construção: placas de ardósia enchem uma das paredes e no chão foram espalhadas várias folhas cujos traços comunicam entre si e que juntas dão um livro. Hélder Folgado faz uma pausa para fumar um cigarro. Trocou o Funchal, onde trabalha como assistente da galeria Porta 33, para vir três meses para o Luxemburgo e desenvolver um projeto artístico, rodeado pela natureza. Quando cá chegou, sentiu-se como "um burro a olhar para o castelo", contou a brincar, mas rapidamente se integrou na comunidade e começou a descobrir a história deste pequeno país. Há mais de dez anos que trabalha com a cera de abelha, e para este projeto quis utilizar a mesma matéria, mas com uma particularidade: a cera teria de ser produzida no Luxemburgo. Agora, o seu trabalho ganhou forma e o resultado é uma exposição – "Elementos" – uma palavra que, segundo o artista madeirense, apesar de escrita em português, é compreensível em várias línguas.

De que forma é que essa percepção do Luxemburgo se vai refletir no projeto final?

Uma das coisas que me impressionou foi a história do país quanto à sua arquitetura militar. Luxemburgo é um dos territórios com uma arquitetura militar extraordinária. Segundo aquilo que li, é um dos lugares mais difíceis de invadir. O seu território acaba por ser um tecido vivo, que ao longo da história vai encolhendo e expandindo. Portanto, há este território que é pequeno, que foi continuamente sendo invadido e conseqüentemente protegido, porque as muralhas foram aumentando. E sabendo que hoje é um país aberto, ou seja, essas fronteiras deixaram de ser óbvias, eu olho para o país e pergunto-me: "Hoje em dia, que outras formas de muralhas e fronteiras é que estamos a construir?". No período em que estou a fazer aqui a residência, faz trinta anos da queda do muro de Berlim. Cai o muro de Berlim, mas também cai a possibilidade de a Europa resgatar migrantes do mar. Então que muralhas é que estamos a construir? À parte disto, também passei pela própria ideia de perceber a língua em si, que também é uma forma de construção de muralhas. Neste caso, o luxemburguês acaba por criar uma espécie de identidade cultural num país em que a maior parte dos habitantes são imigrantes.

Os próprios materiais utilizados para este projeto têm também uma relação com o território do país.

Sim. Além do papel de transferência, um dos materiais que utilizo é a cera de abelha. Quando cá cheguei, fiz questão de trabalhar com cera produzida no Luxemburgo. Então encontrei um arquiteto paisagista que por sua vez nos tempos livres é apicultor. Comprei-lhe dez quilos de cera. Esta ideia de introduzir no meu trabalho uma matéria que fosse representativa do território, da sua paisagem, da sua flora, interessava-me a nível conceptual. E hoje em dia os insetos na Europa estão em decréscimo. E essa ideia também vem tocar no trabalho, que é perceber de que forma é que o território humano e o território selvagem estão em choque. Então há esta ideia de pensar o que é importante e o que não é, de pensar salvaguardar qualquer coisa. Vemos o Bolsonaro a abrir completamente as fronteiras da Amazônia. Em vez de tentarmos estancar a nossa necessidade voraz de matéria, estamos a abrir ainda mais.



Por último, surge "**Terceira Paisagem**", projeto em colaboração com o arquiteto João Almeida.

"Terceira Paisagem" incita a uma leitura do nosso território através da modelação e colocação em evidência de uma espécie vegetal presente em abundância, a cana do reino, *Arundo donax*, originando, em simultâneo, especificidade na experiência do lugar, a Torre Mirante da Câmara Municipal do Funchal. Manifesta-se enquanto potenciador de uma atmosfera específica que convoca a nossa atenção para fora mas também para dentro, para cima mas também para baixo, numa relação que se pretende profícua, para refletirmos sobre a paisagem, a biodiversidade nela presente e a fragilidade da sua subsistência.

O corpo composto pelo material encontrado assume uma presença significativa no espaço, determinando uma tensão entre dois planos opostos definidos pela ressonância formal, ao mesmo tempo que invoca o movimento semicircular que o intersesta e estabelece uma franca relação ora com a orografia do Funchal ora com a imensidão do Atlântico, enfatizando a configuração de anfiteatro. A torre adquire uma nova forma de se relacionar com o exterior, reinventando-se enquanto lugar franco para metaforicamente firmar um observatório da paisagem.

1 Coccia, Emanuele, *A Vida das Plantas, Uma Metafísica da Mistura*. Disciplina sem nome - Fundação Carmona e Costa, 2019. 2 "Terceira Paisagem", título desta intervenção e de um conjunto de ações que pensam o território e a sua biodiversidade, é um termo tomado de empréstimo a "Gilles Clemente", Jardineiro, botânico, entomologista e escritor Francês, que no seu manifesto du tiers paysage (manifesto da Terceira paisagem), leva-nos a considerar a biodiversidade que se manifesta nos espaços intersticiais ou residuais à margem da atividade humana.

<http://helderfolgado.com/Helderfolgado-obras-selecionadas-2021.pdf>

<https://www.instagram.com/helder.folgado/>

<https://umbigomagazine.com/loja/produto/72-pt-edicao-em-portugues/>

https://www.porta33.com/porta33_madeira/exposicoes/content_exposicoes/Ilhestico/content_obras/helder_folgado/helder_folgado.html

https://www.porta33.com/porta33_madeira/exposicoes/content_exposicoes/Ilhestico/content_obras/forte_pico/forte_duarte_ferreira_helder_folgado_joao_almeida.html